

YAWALAPÍTI (ARUAK) DO ALTO XINGU: HISTÓRIA E SITUAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA

YAWALAPÍTI (ARUAK) DEL ALTO XINGU: HISTORIA Y SITUACIÓN SOCIOLINGÜÍSTICA

THE YAWALAPÍTI (ARUAK) OF ALTO XINGU: THEIR HISTORY AND SOCIOLINGUISTIC STATUS

YAWALAPÍTI (ARUAK) DE L'HAUT XINGU : LEUR HISTOIRE ET SITUATION SOCIOLINGUISTIQUE

João Carlos Almeida

Pós-doutorado, Universidade de

Brasília, Brasil.

jcasalmeida@gmail.com

[https://orcid.](https://orcid.org/0000-0002-6141-2733)

[org/0000-0002-6141-2733](https://orcid.org/0000-0002-6141-2733)

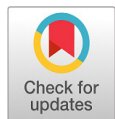
RESUMO

A língua Yawalapíti da família Aruak, cujos últimos falantes vivem no Mato Grosso (Brasil), está criticamente ameaçada, com pouquíssimos falantes plenos. O presente artigo reporta um estudo exploratório da sociolinguística do povo Yawalapíti baseado em pesquisa de campo etnográfica, realizada de modo intermitente desde 2008. Este artigo descreve o processo etno-histórico do povo Yawalapíti, suas relações sociais com os povos vizinhos e sua situação sociolinguística. O caso Yawalapíti é emblemático com o seu histórico de depopulação, consequente dissolução enquanto comunidade e um posterior reagrupamento, em que casamentos exogâmicos com povos falantes de outras línguas foram a peça-chave. O resultado deste processo é uma aldeia multilíngue com a maioria de seus habitantes proficientes nas línguas Kuikuro (Karib) e Kamayurá (Tupí-Guaraní), diferente dos outros povos do Alto Xingu. Os Yawalapíti conseguiram manter uma dinâmica social aberta, em que as interações sociais com outros povos foram fundamentais para o seu reagrupamento, mas, ao mesmo tempo, também geraram um declínio dos espaços de fala e da transmissão intergeracional. Esses processos acabaram por influenciar um movimento comunitário de revitalização linguística focado nas crianças que tem criado novos espaços de fala e produzido materiais pedagógicos. Algumas evidências expostas aqui apontam que a situação sociolinguística desse povo não é uma exceção, mas sim os limites de um processo relacional em atividade no Alto Xingu.

Palavras-chave: sociolinguística, línguas ameaçadas, Alto Xingu, Aruak, Yawalapíti

RESUMEN

La lengua yawalapíti, de la familia arawak, cuyos últimos hablantes viven en Mato Grosso (Brasil), se encuentra en peligro crítico de extinción, con muy pocos hablantes nativos. El presente artículo presenta un estudio exploratorio de la sociolingüística del pueblo yawalapíti basado en una investigación etnográfica de campo, realizada de manera intermitente desde 2008. Este artículo describe el proceso etnohistórico del pueblo yawalapíti, sus relaciones sociales con los pueblos



Recebido: 2025-03-01 / Aceito: 2025-07-08 / Publicado: 2025

<https://doi.org/10.17533/udea.ikala.360066>

Editoras: Marleen Haboud Bumachar, Pontificia Universidad Católica de Ecuador, Ecuador; Silke Jansen, Universidad de Erlangen-Nürnberg, Alemanha; Ana Isabel García Tesoro, Universidad de Antioquia, Medellín, Colômbia, Luanda Sito, Universidad de Antioquia, Colômbia.

Direitos patrimoniais, Universidad de Antioquia, 2025. Este é um artigo em acesso aberto, distribuído nos termos da licença BY-NC-SA 4.0 Internacional da Creative Commons.



Íkala, Revista de Lenguaje y Cultura

MEDELLÍN, COLOMBIA, VOL. 30 NÚM. 3 (SEPTIEMBRE-DICIEMBRE, 2025), PP. 1-19, ISSN 0123-3432

www.udea.edu.co/ikala

vecinos y su situación sociolingüística. El caso Yawalapíti es emblemático por su historia de despoblamiento, la consiguiente disolución como comunidad y una posterior reagrupación, en la que los matrimonios exogámicos con pueblos de otras lenguas fueron la pieza clave. El resultado de este proceso es una aldea multilingüe en la que la mayoría de sus habitantes dominan las lenguas kuikuro (karib) y kamayurá (tupí-guaraní), a diferencia de otros pueblos del Alto Xingu. Los yawalapíti lograron mantener una dinámica social abierta, en la que las interacciones sociales con otros pueblos fueron fundamentales para su reagrupamiento, pero, al mismo tiempo, también generaron un declive de los espacios de habla y de la transmisión intergeneracional. Estos procesos terminaron influyendo en un movimiento comunitario de revitalización lingüística centrado en los niños, que ha creado nuevos espacios de habla y producido materiales pedagógicos. Algunas pruebas expuestas aquí apuntan a que la situación sociolingüística de este pueblo no es una excepción, sino los límites de un proceso relacional en actividad en el Alto Xingu.

Palabras clave: sociolingüística, lenguas amenazadas, Alto Xingu, Aruak, Yawalapíti

ABSTRACT

The Yawalapíti language of the Arawak family —the last speakers of which live in Mato Grosso (Brazil)— is critically endangered, with very few fluent speakers remaining. This article reports on an exploratory study of the sociolinguistics of the Yawalapíti people based on ethnographic field research conducted intermittently since 2008. It describes the ethno-historical process of the Yawalapíti people, their social relations with neighboring peoples, and their sociolinguistic situation. The Yawalapíti case is emblematic with its history of depopulation, consequent dissolution as a community, and subsequent regrouping, in which exogamous marriages with speakers of other languages were a key factor. The result of this process is a multilingual village with most of its inhabitants proficient in the Kuikuro (Karib) and Kamayurá (Tupí-Guaraní) languages, unlike other peoples of the Upper Xingu. The Yawalapíti managed to maintain an open social dynamic, in which social interactions with other peoples were fundamental to their regrouping, but at the same time also led to a decline in spaces for speaking and intergenerational transmission. These processes ultimately influenced a community-based language revitalization movement focused on children, which has created new spaces for speaking and produced educational materials. Some of the evidence presented here suggests that the sociolinguistic situation of this people is not an exception, but rather the limits of a relational process at work in the Upper Xingu.

Keywords: sociolinguistics, endangered languages, Upper Xingu, Arawak, Yawalapíti

RÉSUMÉ

La langue yawalapíti, qui appartient à la famille arawak, dont les derniers locuteurs habitent dans l'État du Mato Grosso (Brésil), est gravement menacée, avec très peu de locuteurs natifs. Cet article rend compte d'une étude exploratoire sur la sociolinguistique du peuple Yawalapíti, basée sur des recherches ethnographiques menées de manière intermittente depuis 2008. Il décrit le processus ethno-historique du peuple Yawalapíti, ses relations sociales avec les peuples voisins et sa situation sociolinguistique. Le cas des Yawalapíti est emblématique avec son histoire de dépeuplement, sa dissolution en tant que communauté et son regroupement ultérieur, dans lequel les mariages exogames avec des peuples parlant d'autres langues ont joué un rôle clé. Le résultat de ce processus est un village multilingue dont la majorité des habitants maîtrisent les langues kuikuro (karib) et kamayurá (tupí-guaraní), contrairement aux autres peuples du Haut Xingu. Les Yawalapíti ont réussi à maintenir une dynamique sociale ouverte, dans laquelle les interactions sociales avec d'autres peuples ont été fondamentales pour leur regroupement, mais ont également entraîné un déclin des espaces de parole et de transmission intergénérationnelle. Ces processus ont fini par influencer un mouvement communautaire

de revitalisation linguistique axé sur les enfants, qui a créé de nouveaux espaces de parole et produit du matériel pédagogique. Certaines preuves présentées ici indiquent que la situation sociolinguistique de ce peuple n'est pas une exception, mais plutôt les limites d'un processus relationnel en cours dans le Haut Xingu.

Mots-clés : sociolinguistique, langues menacées, Haut Xingu, Aruak, Yawalapíti

Introdução

O presente artigo descreve aspectos importantes do processo etno-histórico do povo Yawalapíti, das suas relações sociais com os povos vizinhos e da situação sociolinguística de sua língua da família Aruak que se encontra criticamente ameaçada. Isso se faz através de um estudo sociolinguístico exploratório de base descritiva. Nele, exponho a história recente do povo que é corroborada por uma pesquisa bibliográfica interdisciplinar. Para o debate parto de noções aplicadas a outros povos do Alto Xingu, como a de “ideologia do falante monolíngue” e a “regra do casamento monogâmico”, que fundamentam uma correspondência entre etnia e língua, para demonstrar como arranjos multilíngues são possíveis graças a um relaxamento dessas noções e um modo de relação que familiariza a alteridade. Pretendo, dessa forma, colaborar para o debate sobre multilinguismo e ameaça linguística, expondo processos sociais que contribuíram para as mudanças linguísticas entre os Yawalapíti do Alto Xingu.

O enquadramento teórico descreve o contexto etnográfico, arqueológico e linguístico. Na metodologia, descrevo os processos de pesquisa, enquanto a seção seguinte – marco histórico – apresenta o contexto anterior das narrativas apresentadas. Os resultados contêm a subseção epopéia Yawalapíti, que busca compreender as dinâmicas históricas desse povo, a partir de narrativas gravadas em língua Yawalapíti. A discussão trata do reagrupamento exogâmico, o que permitiu uma aldeia multilíngue com falantes de diferentes línguas não relacionadas geneticamente, e da situação linguística, em que tal multilinguismo é detalhado. O artigo conclui com um debate sobre o multilinguismo enquanto horizonte de relações no Alto Xingu e o que o caso Yawalapíti tem a nos ensinar.

Enquadramento teórico

Os Yawalapíti são um povo multilíngue inserido no Alto Xingu, moradores da Terra Indígena do

Xingu (Mato Grosso, Brasil). A nomenclatura da região mudou no decorrer dos anos. Em 1961, foi criado o “Parque Nacional do Xingu” que, em 1978, recebeu a denominação de “Parque Indígena do Xingu” (Brasil, 1961, 1978). Atualmente, utiliza-se a nomenclatura “Terra Indígena do Xingu”, acompanhando as outras Terras Indígenas do país. Em contextos políticos, as associações locais têm preferido utilizar o nome “Território Indígena do Xingu”. Na Figura 1, pode-se observar a localização das aldeias da Terra Indígena do Xingu. O mapa se encontrou originalmente na página do Instituto Socioambiental, que faz a divulgação periódica de mapas sobre terras indígenas em seu site, de onde eu tirei este mapa em 2020.¹

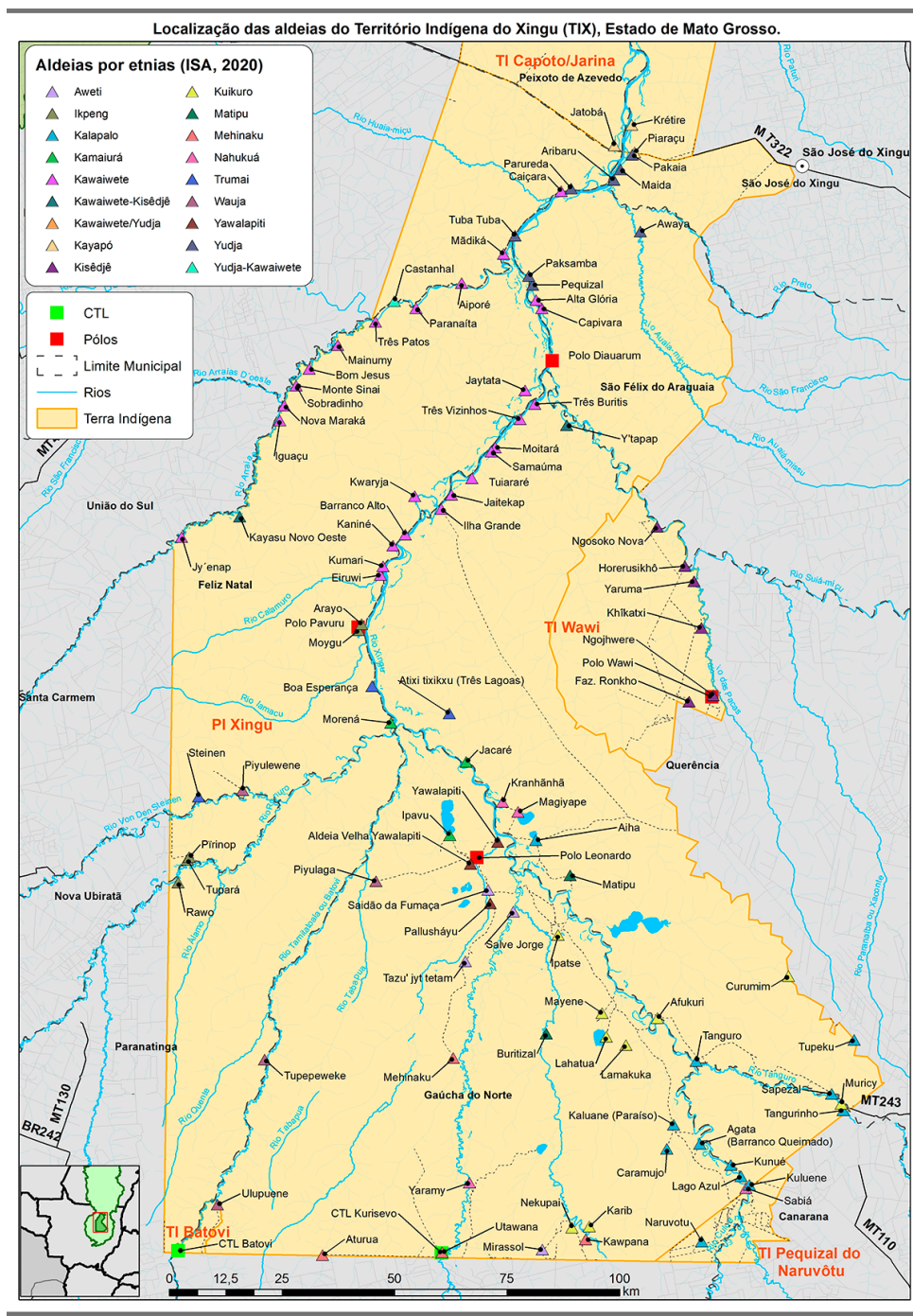
Em sua aldeia principal, podem-se ouvir três línguas não relacionadas geneticamente em um único diálogo, em que cada um fala em seu idioma e todos se entendem. De todas as línguas faladas nesse poliglotismo, o Yawalapíti (ISO 639-3: yaw, Glottolog: yawa1261) tem a menor incidência e a mais baixa taxa de transmissão intergeracional, perdendo cada vez mais espaço para o Kuikuro (Karib) e o Kamayurá (Tupí-Guaraní).² Esse é um cenário sincrônico resultante de uma longa trama histórica de relações, que passa por situações de contração e dissolução temporárias, indo até o reagrupamento e a intensa assimilação de vizinhos, culminando no aumento exponencial da população nas últimas décadas. Tudo isso demonstra os limites flutuantes da convivência intercomunitária e uma tendência a arregimentar afins potenciais para se tornarem corresidentes.

O que se convencionou chamar de Alto Xingu corresponde à bacia dos formadores do rio Xingu, cujos principais rios são o Kuluene, o Kurisevo, o Batovi e o Ronuro (ver Figura 1). Além desses rios,

1 Atualmente, os mapas foram concentrados na página <https://mapa.socioambiental.org/pages/?lang=pt-br>

2 Para trabalhos sobre a língua Yawalapíti, ver Mujica (1992), Bondim (2019a, 2019b) e Yawalapiti (2021). Para trabalhos etnográficos sobre os Yawalapíti, com listas de palavras dessa língua em anexo, ver Steinen (1940) e Viveiros de Castro (1977).

Figura 1 Localização das aldeias da Terra Indígena do Xingu, Estado de Mato Grosso.



Fonte: Instituto Socioambiental

há uma série de rios menores, ribeirões e riachos que formam um complexo hídrico sinuoso, dentre os quais está o Tuatuari, território tradicional dos Yawalapíti. Nessa região, há povos falantes de línguas da família Aruak, Yawalapíti, Mehinaku

e Wauja, de línguas da família Karib, Kuikuro-Matipu e Kalapalo-Nahukua, e de duas línguas do tronco Tupi, sendo uma da família Tupí-Guaraní, o Kamayurá, e a outra o Awetý, único membro da família Awetý (Rodrigues & Cabral, 2002, 2012).

Todos esses povos participam de uma rede cultural em que visitas e trocas ocorrem de maneira extensiva, compartilhando padrões alimentares, arquitetônicos, mitológicos e musicais. Apesar de possuírem valores éticos e estéticos comuns, participarem de rituais intercomunitários e permitirem casamentos exogâmicos, ainda que em menor escala, cada um deles manteve a sua língua como o principal diacrítico de identidade (Seki, 1999). Há, portanto, uma forte relação entre a língua e a identidade de um povo, que se manifesta no que Ball chamou de “ideologia do falante monolíngue” (2011, p. 90).

Em outra direção, os Yawalapíti apresentam-se enquanto um povo constituído por diferentes afiliações e multílingue. O seu histórico de depopulação – causado, principalmente, por epidemias, a ida de seus membros para outras aldeias alto-xinguanas e o posterior movimento de reagrupamento – proporcionou o seu multilinguismo, no qual os casamentos exogâmicos com povos falantes de línguas de outros agrupamentos genéticos e de línguas da sua mesma família linguística foram a peça-chave. Isto não implica ou sugere a existência de grupos corporados ou unidades de descendência (linhagens, clãs) que funcionem em um sistema de prescrição ou preferência matrimonial exogâmica, mas se refere aos limites dos povos alto-xinguanos e aos ajustes adaptativos pelos quais passou a sociedade Yawalapíti, como veremos nas seções abaixo.

Há, portanto, uma dinâmica social aberta, em que as interações com outros povos foram fundamentais para o seu reagrupamento, mas, ao mesmo tempo, geraram um declínio dos espaços de fala e uma atenuação da transmissão intergeracional da língua Yawalapíti. Esse processo também acabou por tornar a língua Yawalapíti criticamente ameaçada, com pouquíssimos falantes plenos. A idade avançada de todos eles e o falecimento do antigo cacique do povo, Aritana, durante a pandemia de SARS-COV-2 (Almeida, 2023a), impactaram drasticamente a vitalidade linguística. Atualmente, a língua conta com três falantes plenos, sendo que

há outros Yawalapíti com diferentes níveis de fluência e entendimento.

Ao contrário de alguns casos de línguas ameaçadas do Brasil, o Yawalapíti não perdeu espaço para o português enquanto língua de contato colonizatório. As línguas majoritárias faladas na aldeia Yawalapíti são as dos povos que foram essenciais para a existência da comunidade enquanto um povo reunido em uma aldeia. Isso corrobora a dinamicidade outrora proposta para o Alto Xingu, em que o sistema relacional é capaz de incorporar povos estrangeiros em uma “capacidade adaptativa” (Menget, 2001, p. 47), mas que também pode agir de dentro para fora, como o caso Bakairi, que emigrou da região (Menezes Bastos, 2013, pp. 439-440). Isso conclui o autor ao analisar a “história das hostilidades intermitentes entre [Alto-]Xinguano, Jurúna [Yudjá] e Suyá [Kisêdjê]” (Menget, 2001). O autor prossegue conceitualizando as relações locais como uma complexa dialética entre os alto-xinguanos e seus vizinhos, internos e externos ao Alto Xingu, em que “a fraqueza de uns desencadeia a política anexionista de outros” (Menget, 2001, p. 64).

A história Yawalapíti demonstra como, além da desagregação e do anexionismo, a dinâmica social também permite processos de reagrupamento, principalmente se valendo de alianças estratégicas. Em vez de unidades bem definidas que trocam entre si, as relações apontam mais para um contínuo processual de fazer, desfazer e refazer sociedades, em que a exogamia linguística é uma opção.

O multilinguismo Yawalapíti não é uma exceção no âmbito do Alto Xingu, mas representa até onde o multilinguismo regional pode chegar. Ele acontece em menor frequência entre os demais povos e, em alguns casos, gera um bilinguismo passivo, em que os filhos de casamentos exogâmicos entendem a língua primeira do pai e da mãe, mas acabam por utilizar a língua da aldeia em que moram como língua principal de comunicação. Mehinaku (2010), filho de pai Mehinaku e mãe

Kuikuro, narra o processo de comunicação entre seus pais com riqueza de detalhes, passando de uma incompreensão completa até a compreensão mútua. O autor trabalha com o conceito de *tet-sualii* (em Kuikuro), que “pode ser traduzido por ‘misturado’, como uma mistura de cores no colorido de alguma coisa” (Mehinaku, 2010, p. 1). A mistura, segundo o autor, que fala a partir da aldeia principal Kuikuro, esconde-se dentro das casas, enquanto o discurso de unidade e identidade monolíngue é desvelado publicamente no pátio central. Busco demonstrar que, no caso Yawalapíti, o discurso de unidade se relativizou de modo a acomodar estrangeiros e suas línguas, tanto nos espaços domésticos, quando nos espaços públicos.

Se a mistura de povos e de línguas está no horizonte dos povos do Alto Xingu, ela pode fazer sumir idiomas, como o caso do Kustenau (Aruak), ou ameaçar a sua existência, como o caso do Trumai (língua isolada), parcialmente integrados à região do Alto Xingu, cuja língua está criticamente ameaçada. Porém, enquanto as pessoas viverem, há sempre a possibilidade de revitalizar uma língua, como tem ocorrido com os Yawalapíti, especialmente a partir das novas dinâmicas de identidade (Arratia & Limachi Pérez, 2019).

Enquadramento histórico

Os povos de língua Aruak percorreram um longo caminho até chegar na região do Alto Xingu. Sua expansão resultou em sua grande abrangência nas terras baixas da América do Sul, da América Central e do Caribe (Michael et al., 2023). Segundo a classificação interna da família Aruak realizada por Payne (1986, p. 489), os Yawalapíti aparecem no grupo Central, junto com as línguas alto-xinguanas Wauja e Mehinaku, além do Pareci. De acordo com a reclassificação de Aikhenvald (1999, p. 67), os Yawalapíti situam-se no ramo Sul e Sudoeste, grupo Pareci-Xingu, subgrupo Xingu, incluindo aí a língua Kustenau, já extinta. Das línguas Aruak do Alto Xingu, Wauja e Mehinaku são variações dialetais muito próximas, enquanto

o Yawalapíti é mais divergente (Carvalho, 2016, p. 280), o que, como se verá, corrobora a história e a arqueologia local. Seki (1999, p. 419) afirma que o Yawalapíti compartilha 80% do vocabulário com o Wauja-Mehinaku, mas com uma gramática bem diferente, o que gera ininteligibilidade.³

O Alto Xingu localiza-se na zona de expansão das populações Aruak em direção ao Brasil Central, próximo ao limite da vasta distribuição geográfica em que se encontram. Em muitos desses lugares, os povos Aruak são associados à grandes praças centrais e à formação de sociedades regionais, como os Aruak-Pano do Peru Oriental, os Aruak-Tukano do Noroeste Amazônico, os Aruak-Karib das Guianas, além do próprio Alto Xingu. Nesse contexto, Santos-Granero (2002) descreve um *ethos* aruak, com uma propensão a estabelecer alianças políticas com povos vizinhos e a suprimir conflitos internos.

Os dados arqueológicos apontam que povos falantes de língua Aruak teriam chegado à região entre 800 e 1000 AD e se estabelecido nos formadores do rio Xingu e no Xingu propriamente dito. As primeiras escavações arqueológicas apontam para duas tradições cerâmicas aparentemente distintas (Simões, 1967, 1972, pp. 29-30, 39). Heckenberger (2005, p. 351) afirma que ambas parecem ser pontos em um contínuo geográfico e temporal, em que a “fase Ipavu”, no baixo rio Kuluene, pode estar associada aos ancestrais dos Wauja, Mehinaku e Kustenau, enquanto a “fase Diauarum” aos ancestrais dos Yawalapíti. Simões (1972, p. 30) determina a datação de um sítio da fase Diauarum, no rio Xingu, em 1120 AD, enquanto se estima que a migração dos Yawalapíti do rio Xingu para seus formadores, fundindo as tradições, tenha ocorrido antes de 1700 AD (Heckenberger, 2005, p. 72). Esse movimento antecipou o amalgamento de populações Karib e

3 A despeito das informações apresentadas, muita pesquisa linguística é (urgentemente) necessária para compreender melhor a relação entre as línguas Aruak alto-xinguanas e sua classificação dentro da família Aruak.

Tupi na região, que teria ocorrido entre 1700 e 1800 AD (Heckenberger, 2005, pp. 152-157), estabelecendo o cenário multilíngue que encontramos hoje.

Em resumo, a partir dos dados arqueológicos, o que conhecemos como Alto Xingu é resultado de um longo processo histórico. Os indícios apontam para uma área expandida ao norte de ocupação originalmente Aruak, que acabou por se comprimir na região dos formadores, amalgamando também povos não aparentados linguisticamente nesse processo. Assim, a ocupação do rio Xingu e de seus formadores por povos Aruak precedeu os povos Karib e Tupi, respectivamente. Tal divisão norte-sul corrobora a diferenciação linguística de seus representantes modernos, também confirmada pela história contada pelos Yawalapíti sobre como se fixaram no rio Tuatuari.

Metodologia

8

Este é um estudo exploratório da sociolinguística do povo Yawalapíti baseado em pesquisa de campo etnográfica, realizada de modo intermitente desde 2008. A minha pesquisa desenvolveu-se no campo da etnomusicologia, em que foram realizadas entrevistas semiestruturadas com diferentes indivíduos, gravações de sessões musicais e uma observação participante de longa duração, resultando em uma série de cadernos de campo. Após a defesa da minha tese de doutorado (Almeida, 2023b), decidi aprofundar no estudo da língua Yawalapíti para atender uma demanda das novas lideranças desse povo, especialmente com a recente retração no número de falantes da qual fui testemunha.

Para realizar este trabalho, valho-me de uma narrativa gravada com o antigo cacique Aritana, já falecido, em que ele contou a história de seu povo. A narrativa foi gravada na língua Yawalapíti em gravador digital e, mais recentemente, foi realizada a transcrição fonológica em Yawalapíti, com o auxílio do programa de computador ELAN. A transcrição foi revisada, segmentada e traduzida para o português com a participação fundamental

do professor Munuri Yawalapíti. Mais de uma década depois da primeira gravação, e aproveitando o ensejo do meu trabalho com o professor, realizei mais uma gravação da história do povo Yawalapíti com um dos últimos falantes plenos, Makawana, pai do professor em questão. O mesmo tratamento de transcrição em Yawalapíti, transcrição e tradução para o português com a participação de Munuri Yawalapíti foi aplicado a esta segunda narrativa. Em ambas as ocasiões, foi realizada a consulta de consentimento prévio, livre e informado, subsidiada pela anuência da comunidade, obtida e renovada a cada nova etapa de pesquisa em uma reunião coletiva no pátio da aldeia.

O que as narrativas tratam segue a mesma estrutura de eventos descrita em um trabalho realizado pelo atual cacique da aldeia (Yawalapíti, 2010), em que uma finada anciã respondeu à mesma provocação: qual é a história do povo Yawalapíti. Ambas as narrativas e o trabalho citado serviram de base para uma pesquisa bibliográfica interdisciplinar que as corrobora. Ou seja, a tradição oral desse povo selecionou e transmitiu lembranças dos eventos que marcaram o seu deslocamento ao sul e o seu estabelecimento no território em que se encontram, contando com os processos mais recentes que culminaram na situação sociolinguística apresentada aqui.

A pesquisa bibliográfica contou com dados etnográficos que corroboram os relatos históricos realizados pelos Yawalapíti sobre o seu processo de dispersão e de posterior reagrupamento. Em seguida, parto para uma breve descrição das relações de parentesco exogâmicas do povo Yawalapíti e da situação linguística atual, que segue um caminho divergente dos outros povos da região, onde o multilinguismo é obviado. A minha pesquisa de campo aliada a esses dados, permitiu-me relativizar algumas descrições gerais do Alto Xingu e colaborar com uma visão mais dinâmica e processual da região.

O ponto de partida geográfico das narrativas registradas fica distante da região que os Yawalapíti

habitam hoje, o que confirma a classificação linguística vigente da família Aruak e é congruente com datações e reconstruções arqueológicas. Antes de deter-me na história do povo Yawalapíti, passo a contextualizá-los de acordo com a sua filiação genética na família Aruak e com os dados arqueológicos que corroboram o seu marco histórico.

Resultado

Alguns etnônimos alto-xinguanos costumam ser topônimos, atuais ou antigos. No caso Yawalapíti, a última aldeia em que lembram terem morado é justamente a *jawalapíti*, marco zero da história recente desse povo, situada no alto curso do rio Xingu. A palavra que nomeia o povo é composta do radical *jawala* e o sufixo *-piti*. O primeiro é o nome da palmeira tucum (*Bactris setosa*), enquanto o segundo é um marcador que significa ‘lugar onde existe algo em abundância’ (Almeida & Cabral, no prelo). É a partir dessa aldeia que Makawana (1)⁴ iniciou uma narrativa quando provocado a contar sobre a história de seu povo. Segundo as datações expostas acima, a ocupação desse sítio específico teria ocorrido antes e durante o século XVII, sendo que a presença Aruak nessa região remonta ao século XII.

Iruka iputaka wiši mana puka ira jawala putaka ikati wikukatsapa.

‘Naquela aldeia tinha um pé de tucum, bem no centro da aldeia.’

Piṛa patsa ikipinapi Jawalapiti mapa.

‘Por isso que eles se chamam Povo do Tucum’ (Gravação realizada em janeiro de 2025. (Transcrita e traduzida em conjunto com Munuri Yawalapiti – 2).

A antiga *jawalapíti* possuía uma enorme palmeira tucum bem no centro da aldeia, reconhecida como um distintivo daquela população. Foi a partir desse lugar que os moradores “embarcaram juntos deixando a aldeia e suas casas vazias” (Yawalapíti, 2010, p. 1). Segundo a outra versão de Yawalapíti, a motivação da viagem foi fugir de ataques guerreiros de vizinhos, o que justifica o movimento

abrupto de abandonar a aldeia inteira e deixá-la vazia. Uma frota de canoas, partindo da *jawalapíti* mais ao norte, seguiu remando rio acima durante o dia, acampando durante a noite e continuando a remar no dia seguinte. Trata-se de uma epopeia rumo ao sul em que os Yawalapíti se estabeleceram na bacia dos formadores do rio Xingu e comprimiram o que hoje chamamos de Alto Xingu.

Após uma divisão do grupo que seguiu subindo o rio Kuluene,⁵ os Yawalapíti passaram a residir no rio Tuatuari, onde hoje é o seu território tradicional. Quando se estabeleceram nas lagoas iuja, conectadas por pequenos canais ao Tuatuari, passaram a abrir diversas aldeias, com momentos de abundância e intensa atividade ritual, especialmente com os Kamayurá. O primeiro registro literário dos povos do Alto Xingu ocorreu em 1884, fruto de uma expedição liderada pelo médico e naturalista alemão Karl von den Steinen. Na sua segunda expedição, em 1887, Steinen visitou duas aldeias Yawalapíti próximas às lagoas iuja, e mais uma com homens Aweté e mulheres Yawalapíti, denominada *Arauití*. O autor sugere que os Yawalapíti estavam em situação paupérrima, com pouca comida para comer e nenhuma a oferecer aos viajantes em troca dos presentes, como tinham feito em outras aldeias.

Os Yawalapíti associam essa época ao início de sua derrocada, em que ataques de vizinhos se somavam à depopulação que atingia as aldeias da região. Apesar da aparente falta de recursos em que Steinen os encontrou, Petrullo (1932, pp. 139-140), em 1931, anotou uma recepção bastante formalizada, além de execuções rituais e uma pescaria coletiva. Parece que houve períodos de dificuldades seguidos de períodos de grande atividade cultural. Ambos os relatos, separados por mais de quatro décadas, atestam que os processos de desfazer e fazer comunidades aldeadas são

4 Os números em parênteses indicam sua posição no mapa genealógico abaixo.

5 O grupo dissidente ficou conhecido como Yawalapíti-kumã, provavelmente extinto. O sufixo *-kumã* denota grandeza superior aos de sua espécie (cf. Viveiros de Castro, 1979).

processuais e não-lineares. O fato é que, no final da década de 30, os Yawalapíti já não se encontravam mais reunidos em uma aldeia, e assim permaneceram até o final da década de 40.

O processo que fez com que os Yawalapíti cessassem de existir enquanto uma comunidade reunida em uma aldeia foi detalhado pelo finado Kanatu (3) (Menezes Bastos, 1989, pp. 398-406). Ele coloca a morte de seu pai Aritana (4; avô do antigo cacique Aritana) como o ponto crítico de um processo de desagregação motivado por contendas com vizinhos. Já Aritana (5) afirma que doenças epidêmicas teriam causado a dispersão dos indivíduos:

Kanaŕuka kahijutŕŕuka. Ipatŕŕikara papaju tupalau italakuka.

'Não sei qual foi a doença. Por causa disso meu pai e os meus antepassados dispersaram-se.'

Itala ijukutuka putatŕŕia. Ijukutapuka Kuikuru imana ijukuta pawanau kuta Meinaku imana pawanau kuta Kamajula imana. Italala puka.

'Após dispersarem-se, eles foram para outras aldeias. Eles foram para os Kuikuro, outros foram para os Mehinaku, outros foram para os Kamayura. Eles dispersaram-se.'

Nuka putaka atsuka hã. Atsuka pinhŕri wakapa putakanaku. Iruka putakanaku mapiukaha.

'Não tinha mais aldeia. Não tinha mais ninguém na aldeia. Essa aldeia ficou em silêncio.' (Gravação realizada em agosto de 2012. Transcrita e traduzida em conjunto com Munuri Yawalapíti)

Apesar de dispersos, a língua Yawalapíti continuou a ser utilizada em determinados contextos de fala. Kanatu afirma que, com mais ou menos 12 anos, se mudou para os Kuikuro, após contínuas mudanças dos Yawalapíti em busca de refúgio. Nessa idade, Paru só falava Yawalapíti, assim como, suponho, seu finado irmão mais velho Sariruí (6), que o acompanhou. Enquanto os irmãos iam aos Kuikuro, suas irmãs e seu tio materno foram para os Mehinaku (Menezes Bastos, 1989, p. 399-400), outros foram para os Kamayurá e outras para os Awetý.

Os surtos epidêmicos da primeira metade do século passado exerceram efeito devastador nesse povo. Após Steinen, uma série de expedições adentraram o território e, quando os irmãos Villas-Bôas

chegaram na região com a Expedição Roncador-Xingu (ERX), em 1946, o cenário populacional estava ainda mais reduzido devido às novas ondas epidêmicas. Se Steinen sugere que existiam “mais ou menos 2.500 a 3.000 pessoas” (1940, p. 244), mais de 60 anos depois, Galvão e Simões contabilizam 652 pessoas com informações obtidas entre 1947 e 1952 (1966, p. 43).

Nesse contexto surgem os maiores aliados dos Yawalapíti, os irmãos Villas-Bôas, especialmente Orlando que, com a ERX e, posteriormente, com a Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI), realizaram a ocupação estatal que dura até hoje, responsável pela demarcação do então Parque Nacional do Xingu, em 1961. Orlando Villas-Bôas possuía o hábito de recrutar jovens solteiros para trabalhar com ele. Dentre esses jovens estava Kanatu, que estava morando entre os Kuikuro com um tio materno. Para resumir sua narrativa autobiográfica (*apud* Menezes Bastos, 1989), o jovem órfão trabalhou em uma série de frentes de trabalho antes de ter seu casamento arranjado com a filha (7) do chefe kamayurá Kutamapy (8).

Nas andanças pela região, Kanatu encontrou três parentes Yawalapíti entre os Kamayurá (Menezes Bastos, 1989, p. 402) e uma prima com os Trumai, que chorou de emoção ao vê-lo já crescido (Menezes Bastos, 1989, p. 402). Kanatu e os Yawalapíti que residiam entre os Kamayurá resolveram procurar sua antiga aldeia, na região das lagoas iuja, e reabri-la. Orlando Villas-Bôas trouxe dois Yawalapíti que moravam entre os Kuikuro, chegando mais uma mulher que estava entre os Mehinaku (Menezes Bastos, 1989, p. 405). Em 1948, iniciou-se o plantio intermitente das primeiras roças na região, seguido da construção da primeira casa e a fixação dos novos moradores. Em 1950, os Yawalapíti reestabeleceram a sua aldeia em seu território, próximo às lagoas iuja.

Galvão (1953, p. 4) contou 17 Yawalapíti em 1950, enquanto Agostinho (1972, p. 359) fornece os dados de 41 pessoas em 1963 e 65 em 1970. Godoy (1980, p. 66), em sua dissertação de mestrado,

contou 98 residentes e Viveiros de Castro (1977, p. 236) anotou 85 pessoas morando em uma única aldeia, no sítio de Emakapuko, ambos na década de 70. Um censo demográfico realizado por agentes indígenas de saúde em todo o Alto Xingu no ano de 2011 contabilizou 181 pessoas, já em uma nova localidade, perto da foz do rio Tuatuari, que dá nome à aldeia, somadas à 24 pessoas que ainda moravam em Emakapuko, então denominada “aldeia velha” (SESAI, 2011). No censo da saúde de 2017, os Yawalapíti contabilizavam 182 na aldeia principal, com 21 na aldeia velha. Esse último censo marcava o povo ao qual a pessoa se identificava, seja por nascimento ou por filiação, contabilizando 44 pessoas Yawalapíti residindo em outras aldeias (SESAI, 2017). Isso sem contar alguns Yawalapíti que residiam nas cidades por motivos de estudo, trabalho ou tratamento de saúde. Em 2017, portanto, tínhamos 247 pessoas contabilizadas, entre moradores da aldeia Yawalapíti e pessoas que se reconheciam como Yawalapíti em outras aldeias. Hoje, há uma nova aldeia principal chamada Yawalapíti, a “nova” aldeia velha Tuatuari, e as aldeias menores Emakapuko, Palushayu, Hiulaya e Yamalapiti. Não tenho dados precisos da população atual em todas essas localidades, mas estima-se que seja por volta de 400 pessoas. Assim, em algumas décadas, a população deu um salto considerável, com um aumento de mais de 1000%. Esse processo foi resumido por Aritana:

şikuna atsa jawalapiti wakapa kuka jawalapiti ita-pika šikuña hã

‘Antigamente não existia os Yawalapíti, os antepassados dos Yawalapiti acabaram-se.’

ipuka jawalapiti ikaťšipijnuka iri hĩ

‘Agora os Yawalapíti aumentaram (a população).’

iruka jawalapiti jipiu pišuka itapu numapałi puka ira

‘Eu estou alegre porque os Yawalapíti são muitos’

Não cabe aqui fazer um debate demográfico ou ainda uma análise do parentesco Yawalapíti, mas, sim, demonstrar a exponencialidade de seu crescimento. É claro que esse movimento não foi apenas por causa dos novos nascimentos derivados de casamentos endogâmicos. Um grande contingente de

pessoas Kamayurá e Kuikuro foram essenciais para o reagrupamento e para a capacidade política da nova aldeia perante os vizinhos. Por certo tempo, a exogamia passou a ser a regra, através de manipulações possíveis na gama de afins potenciais das aldeias vizinhas. A preferência pelo casamento distante, de outras aldeias, foi o que possibilitou o sucesso do reagrupamento. Passo, então, a debater como os modos desses casamentos fizeram com que se chegasse à situação sociolinguística atual de crítica ameaça.

Discussão

O multilinguismo dos Yawalapíti é um fenômeno complexo que envolve a história específica do povo aliada à história geral da região e uma preferência por casamentos exogâmicos, que passo a tratar abaixo.

O reagrupamento exogâmico

A ideia de que os etnônimos alto-xinguanos são bem estabelecidos correspondendo somente a uma língua e a um povo reunido em uma aldeia está mudando. Assim como aparenta ter ocorrido na época de Steinen, hoje em dia, existem diversas aldeias para cada povo, sendo que há aldeias que contam com grandes contingentes de moradores estrangeiros. Ainda que os povos alto-xinguanos façam questão de afirmar e negociar as suas diferenças, especialmente nos rituais intercomunitários (cf. Almeida, 2012, 2023b), não há grupos corporados, metades, clãs e qualquer regra ou mecanismo que reifique os limites de uma “etnia”. A diacronia aponta para um contínuo movimento de fissões e fusões aliado a um cálculo genealógico situacional expandido para toda a região, que faz com que seja difícil identificar coletivos definidos e homólogos. A principal marca de identidade costuma ser a aldeia de residência, que se apresenta enquanto uma entidade reificada de uma língua ou de uma variação dialetal, o que mantém uma certa continuidade nas unidades, capaz de eclipsar qualquer diversidade interna.

As análises e os estudos de parentesco no Alto Xingu remontam a uma longa discussão que não cabe detalhar aqui.⁶ Vale mencionar que há uma clara preferência estatística pela endogamia de aldeia, seguida pela endogamia de povo e de filiação linguística. Essa preferência está na base da diferenciação entre o Alto Xingu e o Alto Rio Negro, em que, no Noroeste Amazônico, a exogamia linguística é explicitamente prescrita, gerando o multilinguismo no nível local e individual, o que no Alto Xingu se aplicaria mais à região em si (Stenzel, 2005, p. 14).

A história particular dos Yawalapíti acabou por favorecer casamentos exogâmicos durante o reagrupamento, o que continuou com a geração seguinte. Assim, se temos uma política de endogamia linguística, os Yawalapíti a relativizaram, principalmente com as aldeias em que estiveram exilados. Tal período estreitou os laços daqueles moradores, o que influenciou a migração de contingentes estrangeiros para a aldeia recém-criada. Como Kanatu deixa claro no relato de Oberg (1955), existia a possibilidade de um crescimento vegetativo endogâmico se somente os Yawalapíti dispersos se reunissem, mas o caso foi o de uma política exogâmica com parentes cuja distância foi diminuída após o dispersamento: “Kanato [...] explained that he and his sister could reform a village of two houses if he and his sister both raised sons and daughters” (p. 480).

No Alto Xingu há uma prescrição de residência uxorilocal, acompanhada de uma série de regras de evitação e de serviço da noiva, que são atenuados com o nascimento de filhos. À medida que a prole aumenta, a residência se torna opcional, o que se realiza, geralmente, com o genro abrindo sua própria casa. Os chefes, por sua vez, podem driblar tais regras e, inclusive, estabelecer residência virilocal após o casamento. Os Yawalapíti, que se consideravam chefes (Galvão, 1953, p. 25), ainda que dispersos, conseguiram com que grande parte

das residências dos casais recém-casados fossem em sua localidade. Kanatu, por sua vez, esperou seu primeiro filho nascer para se mudar para a recém-criada aldeia (Almeida, 2023a).

Guerreiro (2023), em um artigo recente sobre o parentesco Kalapalo a partir de ferramentas computacionais, percebe que casamentos exogâmicos, ainda que não sejam a preferência, constituem um quarto do total das uniões analisadas (Guerreiro, 2023, p. 21). Um dos resultados obtidos foi um gráfico da “rede de alianças interétnicas dos Kalapalo” (Guerreiro, 2023, p. 22), que se aproxima de um microcosmos alto-xinguno. O que os Yawalapíti fizeram foi inverter a preferência e, dessa forma, replicar esse microcosmos nos limites de sua aldeia principal. Assim, Kanatu casou-se entre os Kamayurá, enquanto seus cunhados se casaram entre os Yawalapíti. Uma série de outros casamentos entre os Mehinaku, Kuikuro, Wauja e Kalapalo também se seguiram (Figura 2), todos contraindo residência no rio Tuatuari, tornando possível o salto demográfico exposto acima.

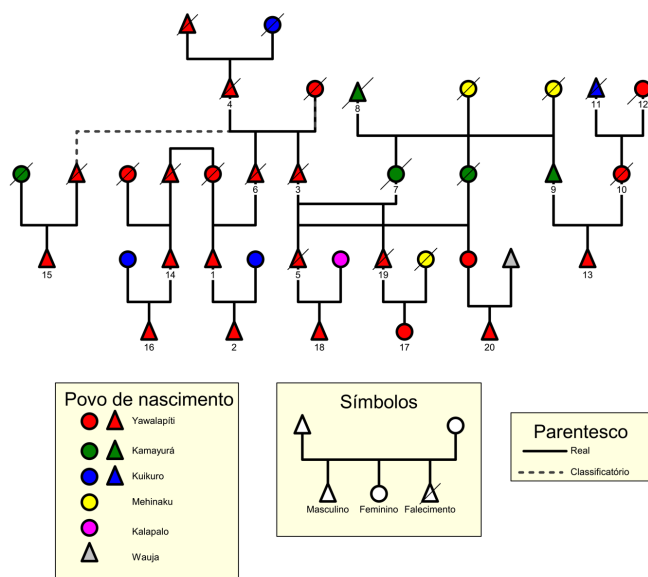
O cenário hoje entre os Yawalapíti é um pouco diferente, com um aparente relaxamento da política de residência, um aumento dos casamentos endogâmicos e um cumprimento cada vez maior das regras de residência. Mas, o que resultou das primeiras gerações após o reagrupamento segue presente. Assim como no Noroeste Amazônico, esse período inicial possibilitou o surgimento de um amplo multilinguismo local e individual, ainda que, em alguns casos, passivo. Tal heterogeneidade interna é fruto de uma outra relativização, dessa vez, das ideologias linguísticas.

Relativizando as ideologias linguísticas

O Alto Xingu possui o que Ball (2011, p. 90) chamou de “ideologia do falante monolíngue”, que se expressa enquanto uma “ideologia linguística explícita” (Pakendorf *et al.*, 2021, p. 4). Ou seja, a “ideologia linguística” (Silverstein, 1979) da região, sistema de ideias que uma comunidade compartilha em relação à sua língua, determina

6 Para uma revisão detalhada da bibliografia disponível até então, ver Coelho de Souza (1992).

Figura 2 Mapa genealógico das pessoas citadas no texto, com ênfase no povo de nascimento



que as pessoas de uma comunidade linguística falem somente a língua daquela comunidade ou, como coloca Franchetto (1997, p. 3): “a identidade de cada aldeia/grupo local (povo) se funda numa ideologia de endogamia linguística, refletida pela cuidadosa manutenção da diferença linguística através da reprodução de normas que proíbem o uso, não cerimonial, da língua dos ‘outros’ dentro de uma aldeia”. Essa ideologia é expressa de modo explícito, sendo a norma do que se considera a forma correta de comunicação nos espaços públicos. Desse modo, as aldeias do Alto Xingu podem ser tipificadas como linguisticamente conservadoras e homogêneas, em que a língua está diretamente relacionada com a identidade comunitária, sendo seu diacrítico básico (Fausto et al., 2008, p. 141). Assim, uma aldeia que fala uma língua é o cenário aparente para os povos alto-xinguanos, onde a diferença linguística, ainda que dialetal, corresponde a uma reificação política.

De outro modo, algumas evidências históricas demonstram que o modo processual das relações acabou por favorecer amalgamentos populacionais, em cenários de afrouxamento dessa “ideologia” padrão. Os Arauiti encontrados por Steinen aparentavam possuir uma divisão linguística de gênero, em que mulheres falavam

em Yawalapíti e homens em Awetý, o que levaria a um aprendizado passivo entre eles, com as próximas gerações expostas a ambas as línguas. Os Kamayurá, segundo Menezes Bastos, são o resultado de uma história processual de diferentes coletivos Tupi que, amalgamados, resultaram na população atual. O que chamou a atenção do autor e permitiu que ele inquire seus interlocutores foi a diversidade de falas. Takumã, ao explicar a divergência de um cantor, explicou: “língua dele não é Kamayurá não. Quer dizer, é Kamayurá, mas não é não, assim de verdade. Ele é neto de Arupatsi. [...] língua dele, assim, não é bom não” (Menezes Bastos, 2013, p. 429). Para citar um caso Aruak, os Mehinaku lembram de uma época em que havia mais dois grupos distintos, “Yanapyhi e Kutanapu”, que falavam variações dialetais bastante próximas. Após guerras na região, ambos se reuniram com os Mehinaku, e o chefe exortou que “todos deveriam esquecer as outras línguas e falar só Mehinaku” (Medeiros, 1993, p. 378).

Os exemplos acima demonstram que, apesar de que a “ideologia do falante monolíngue” seja apreendida no discurso nativo, pode ser flexibilizada e permitir um multilinguismo ativo ou passivo. Na fala de Takumã Kamayurá, percebe-se que apesar de uma visão negativa da divergência

linguística de alguns moradores, ainda está presente nas comunicações que ocorrem em áreas públicas. Já na fala dos Mehinaku, a “ideologia do falante monolíngue” fez com que variações dialetais fossem suplantadas pela língua oficial. Assim, a representação construída da comunidade a pres-supõe enquanto falante de uma única língua, ainda que possa haver outras línguas ou variações dialetais sendo faladas nos espaços domésticos ou públicos.

De fato, na maioria das aldeias alto-xinguanas, a “ideologia do falante monolíngue” aliada aos casamentos exogâmicos minoritários acaba por acomodar línguas estrangeiras, desde que sejam utilizadas em ambiente doméstico, fazendo com que os filhos desenvolvam um bilinguismo passivo, entendendo ambas as línguas do pai e da mãe, mas utilizando a língua da aldeia em que residem como primeira língua. Esse cenário leva a uma “ideologia do bilinguismo passivo” que acaba por ser praticada no núcleo familiar, enquanto em lugares públicos, como no pátio da aldeia, somente a língua da aldeia deva ser usada.

O que o caso Yawalapíti deixa evidente é que tal “ideologia do falante monolíngue” pode ser relativizada, persistindo a identificação do povo com a língua, especialmente em contextos públicos de oposição, mas permitindo um multilinguismo e, de certa forma, incentivando-o. Certa vez, durante um ritual intercomunitário com o povo

Kalapalo (Karib), perguntei a um finado chefe como se dava a comunicação com os convidados. Sua resposta foi sucinta e significativa: “a gente fala a língua deles”, o que só é possível devido ao multilinguismo local. Dito de outro modo, a capacidade política de indivíduos poliglotos é um fator valorizado, o que não invalida o prestígio social de um chefe que fala a língua Yawalapíti e marca sua distintividade linguisticamente.

Situação sociolinguística

O multilinguismo dos Yawalapíti é ligado à história geral da região, uma preferência por casamentos exogâmicos, as retrospectivas familiares e as biografias individuais de cada um dos moradores de suas aldeias. Os últimos serão desenvolvidos em um trabalho posterior. Por ora, percebe-se como o multilinguismo regional se aplicava e se aplica no interior de cada casa da aldeia principal dos Yawalapíti (Tabela 1). Os indivíduos são expostos a, pelo menos, duas ou três línguas, criando um repertório linguístico em que o Yawalapíti perdeu espaço.

Em cada uma dessas casas ocorre, em algum grau, o que chamamos de bilinguismo passivo, ou “língua receptiva” (Rehbein *et al.*, 2012), em que um conjunto de línguas não aparentadas é utilizado entre si com mútuo entendimento, a partir de um conhecimento passivo da língua do interlocutor. O caso da casa (12 na tabela 1), em que residio enquanto

Tabela 1 Recenseamento sociolinguístico da aldeia Yawalapíti (2017)

Casa	Idade do dono	Número de moradores	Língua do dono	Línguas faladas pelos moradores	Línguas principais da casa	Língua Yawalapíti.			Não fala, não entende e não ouve Yawalapíti	
						Quantos	falam	entendem	ouvem	6 + anos
1	68 †	13	YW, KK, KM, MH	YW, KM, KL, KK	YW, KK	1†	3	2	4	3
2	42	9	KK	KL, KM, KK	KL, KM		2		4	3
3	45	12	KK	KL, KM, KK	KL, KM		3		8	1
4	32	11	KK	KM	KM, KK		4		5	2
5	56	13	WJ	KM, KK	KM, KK		5	1	4	3

Tabela 1 Recenseamento sociolingüístico da aldeia Yawalapíti (2017) (continuação).

Casa	Idade do dono	Número de moradores	Língua do dono	Línguas faladas pelos moradores	Línguas principais da casa	Língua Yawalapíti.			Não fala, não entende e não ouve Yawalapíti	
						Quantos			6 + anos	1-5 anos
						falam	entendem	ouvem		
7	54	18	WJ	YW, KK	KK, KK	2 ♀	1	2	8	5
8	64	15	YW	YW, KK	YW, KK	1	5		7	2
9	42	7	KM	KM, KK	KM, KK		3		3	1
10	53	11	KM	KM, KK	KM, KK		3	1	7	
11	36	8	KK	KK, KM	KK, KM		1	1	4	2
12	72	10	KM	KK, KM	KK, KM	1 ♀†	2	2	4	1
13	59	7	YW	KK	YW, KK	1	3		1	2
14	34	11	KL	KK	KK, KK		4	4	3	
15	54	8	KM, KK	KM	KM, KK		1	2	3	2
16	31	3	KK	KM	KM, KK		2		1	
17	29 †	3	KK	KL	KK, KL		2			1
Total			KK, KM,	KK,	KK,	7	47	16	75	29
			YW,	KM,	KM,					
			WJ,	KL,	YW,					
			KL,	YW	KL					
			MH							

Legenda: Yawalapíti (YW), Kuikuro (KK), Kamayurá (KM), Kalapalo (KL), Wauja (WJ), Mehinaku (MH), Awetý (AW).
Fonte: adaptado de Yawalapíti (2018, p. 5) baseado em França (2000).

realizo trabalho de campo na aldeia, é emblemático. É a casa de um casal composto por um homem Kamayurá (9) e uma mulher recém falecida (10), filha de um Kuikuro (11) com uma Yawalapíti (12). Os filhos do casal consideram-se principalmente Yawalapíti, mas também Kamayurá a depender do contexto, e falam Kuikuro, língua principal da mãe (10). No espaço doméstico, o pai fala em Kamayurá (Tupí-Guaraní) e os filhos (13) respondem em Kuikuro (Karib). A língua Yawalapíti é ouvida no centro da aldeia, cada vez com menor frequência após o falecimento do último cacique (6) (casa 1, acima). Quando se reuniam no centro, houve vezes em que presenciei conversas desse cacique falando em Yawalapíti, o pai respondendo em Kamayurá, enquanto os filhos comentando em Kuikuro. Tudo em um mesmo diálogo.

Depois de quatro gerações após o reagrupamento, são pouquíssimos os falantes plenos do Yawalapíti que o aprenderam na infância e continuaram a usá-lo como primeira língua durante a vida (1, 14 e 15) (Tabela 2). Há casos de outras pessoas, inclusive em diferentes aldeias, que aprenderam a língua na infância, a utilizaram como língua ativa, mas deixaram de fazê-lo, gerando lapsos de memória. E há também alguns lembradores que, devido ao longo tempo em que deixaram de ser expostos à língua, perderam a capacidade de fluência.

Ainda que a “ideologia do falante monolíngue”, percebida em outras aldeias alto-xinguanas, seja flexibilizada, persiste uma identificação dos Yawalapíti com os moradores da antiga aldeia *jawalapiti*. Assim, a língua ancestral daquela aldeia continua a orientar a identidade do grupo, fator deter-

Tabela 2 Indivíduos falantes nativos da língua Yawalapíti

Grau de proficiência	Sexo	Aldeia
proficientes (com possível esquecimento de palavras e modos de expressar ideias na língua)	Masculino	Ipatse (KK)
	Masculino	Yawalapíti
	Masculino	Yamalapíti (vw)
Mulheres que ainda podem se comunicar na língua, mas com lapsos de memória relativos a itens lexicais e modos de falar	Feminino	Yawalapíti
	Feminino	Yawalapíti
	Feminino	Palushayu (vw)
	Feminino	Palushayu (vw)
	Feminino	Batovi (wj)
	Feminino	Aturua (wj)
Total:	3 homens e 6 mulheres	

Fonte: adaptado de Yawalapíti (2021, p. 18)

minante para que novas estratégias de revitalização linguística estejam ocorrendo no presente. A escola local já ensina a língua para as crianças em idade escolar e o professor é um dos jovens que estão em processo de aquisição do Yawalapíti como segunda língua (L2). Existem também projetos familiares, especialmente dos filhos (2, 16, 17 e 18) dos últimos falantes plenos, que buscam transformar o espaço doméstico em um espaço de fala, expondo cada vez mais as crianças à língua ancestral. Além disso, ações comunitárias de documentação e produção de materiais didáticos e audiovisuais estão em andamento, com a meta final de tornar as crianças da aldeia proficientes em Yawalapíti.⁷ Tais ações demonstram que “a língua Yawalapíti está viva e que as gerações mais jovens podem aprendê-la em sua plenitude” (Yawalapíti, 2021, p. 205).

A revitalização da língua ancestral acompanha uma luta política das lideranças Yawalapíti, e, com isso, têm alcançado cada vez mais plataformas que são utilizadas como novos espaços de fala, como o espaço virtual (Limachi Pérez, 2019). A seguir, apresento uma postagem que ilustra bem este ponto, realizada por um chefe Yawalapíti (20) em

sua rede social, em fevereiro de 2025, traduzida em colaboração com o autor:

Nimapa awanukaka aXi nutukakapau.

‘Eu estou falando para todos nós aqui, meus irmãos.’

Maka awikitsilhitua apalunau karaipana inapita nimapa awanuka nutukakapau.

‘Para nós nos firmamos diante dos nossos adversários, os caraibas,⁸ eu estou falando para todos nós, meus irmãos.’

Karaipana atikutanipa ihipinipa autsa awipitira awikula kupati awiriu.

‘Os caraibas estão nos atraindo para eles acabarem com a nossa terra, com a nossa floresta, com o peixe e com a nossa cultura.’

Conclusão

A língua Yawalapíti atua como um emblema de identidade, opondo-se aos outros povos e suas línguas, especialmente nos encontros intercomunitários. Como vimos, a história do povo Yawalapíti, obtida a partir de narrativas orais, confirma a sua classificação genética na família Aruak, colocando sua língua como mais distante das outras línguas aparentadas do Xingu. A localização dos sítios arqueológicos está justamente na região da aldeia *jawalapiti* mencionada acima, ponto zero das narrativas e topônimo do lugar em que viviam os ancestrais dos Yawalapíti.

⁷ Sobre a comunidade indígena enquanto agente de um processo de documentação linguística, ver Franchetto (2007).

⁸ ‘Não indígena’, no português local.

A história descrita aqui inicia com uma grande migração e o abandono da aldeia *jawalapíti* em direção aos rios formadores do rio Xingu, comprimindo a distância geográfica e precedendo o amalgamento de povos de outras filiações genéticas no que conhecemos hoje como Alto Xingu, uma área cultural pluriétnica e multilíngue. O estabelecimento no rio Tuatuari reflete momentos de pujança cultural e material, que foram interrompidos devido a ondas epidêmicas contraídas diretamente ou indiretamente. A redução das escalas das aldeias da região e seu provável colapso para o tamanho em que foram visitadas pelos primeiros exploradores amigáveis da região é um processo também confirmado por estudos arqueológicos.

A depopulação e uma sequência de eventos durante o seu enfraquecimento fez que o povo Yawalapíti se dispersasse em outros povos da região, marcando o segundo abandono da aldeia registrado nas narrativas. Busquei evidenciar como o reagrupamento dos indivíduos dispersos em uma aldeia própria seguiu regras de casamento que favoreceram a exogamia e a virilocalidade, para o caso dos homens, desviando da preferência estatística pela endogamia descrita para outros povos da região. A exogamia descrita aqui permitiu que as crianças fossem expostas a diferentes línguas não aparentadas, gerando um bilinguismo passivo abrangente e favorecendo a transmissão de outras línguas que não a Yawalapíti como primeira língua.

Essa configuração atípica para os povos da região tornou a “ideologia do falante monolíngue” mais relaxada entre os Yawalapíti, fazendo que diálogos trilíngues ocorram no pátio da aldeia, justamente no local onde se preza pelo monolinguismo ativo nas aldeias dos outros povos alto-xinguanos. Em suma, o processo de identificação dos Yawalapíti com seus ancestrais que moravam na aldeia *jawalapíti* estabelece uma ligação direta entre os coletivos situados no tempo, ao mesmo passo que sua história de dissolução e reagrupamento com altos graus de exogamia fizeram com

que estrangeiros com outras identificações fossem incorporados. Os Yawalapíti, dessa forma, absorveram uma diversidade linguística em nível local, familiar e individual. Algumas evidências expostas aqui apontam que a situação sociolinguística desse povo não é uma exceção, mas sim os limites de um processo relacional em atividade no Alto Xingu.

Temos, como resultado de sua história, uma situação de crítica ameaça da língua Yawalapíti. Entretanto, há um movimento de homens e mulheres que buscam revitalizá-la, incentivando o seu uso em cada vez mais espaços de fala. Cada criança que entende e fala em Yawalapíti demonstra que a língua está viva e que pode sim voltar a ser transmitida, tal como pensam as lideranças do povo.

Referências

- Agostinho, P. (1972). Informe sobre a situação territorial e demográfica no alto Xingu. In G. Grümberg (Org.), *La situación del indígena en América del Sur* (pp. 355-380). Tierra Nueva.
- Aikhenvald, A. Y. (1999). The Arawak language family. In R. M. W. Dixon (Org.), *The Amazonian languages* (pp. 65-106). Cambridge University Press.
- Almeida, J. C. A. S. de. (2012). *Tapanawanã: música e sociabilidade entre os Yawalapíti do Alto Xingu* [Dissertação de Mestrado em Antropologia Social]. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil.
- Almeida, J. C. A. S. de. (2023a). Esboço biográfico de Aritana Yawalapíti: a formação de um chefe prototípico. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 18(1), 1-26. <https://doi.org/10.1590/2178-2547-bgoeldi-2022-0023>
- Almeida, J. C. A. S. de. (2023b). *Mistura musical alto-xingua: o ritual mortuário e sua alegria a partir dos Yawalapíti* [Tese de Doutorado em Antropologia Social]. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil.
- Almeida, J. C. A. S. de, & Cabral, A. S. A. C. (no prelo). Classificadores e modificadores da língua Yawalapíti. No prelo.
- Arratia J., M., & Limachi Pérez, V. (Orgs.). (2019). *Construyendo una sociolingüística del sur: Reflexiones sobre las culturas y lenguas indígenas de América Latina en los nuevos escenarios*. PROEIB Andes.

- Ball, C. (2011). Pragmatic multilingualism in the Upper Xingu speech community. Em B. Franchetto (Org.), *Alto Xingu: Uma sociedade multilíngue* (pp. 87–112). Museu do Índio.
- Bondim, R. G. (2019a). Aldeia Yawalapíti: outubro, novembro e dezembro de 1976. Em C. Emmerich (Org.), *Documentos do projeto: estudo sincrônico de línguas indígenas do Alto Xingu* (vol. 1, pp. 19-205). Museu Nacional.
- Bondim, R. G. (2019b). Aldeia Yawalapíti: julho de 1977. Em C. Emmerich (Org.), *Documentos do projeto: estudo sincrônico de línguas indígenas do Alto Xingu* (vol. II, pp. 207-257). Museu Nacional.
- Brasil, Ministério da Justiça. (1961). *Decreto N° 50.455*. Cria o Parque Nacional do Xingu. <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=DEC&numero=50455&ano=1961&ato=118cXQ61EM-VRVTd38#:~:text=Data%20de%20assinatura:%2014%20de%20Abril%20de,expressa%20%C2%B7%20Chefe%20de%20Governo:%20J%C3%A2nio%20Quadros>
- Brasil, Câmara dos Deputados. (1978). *Decreto N° 82.263*. Dá nova denominação aos atuais Parque Nacionais do Xingu e de Tumucumaque. <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1970-1979/decreto-82263-13-setembro-1978-431352-publicacaooriginal-1-pe.html>
- Carvalho, F. O. de. (2016). Obscure cognates and lexical reconstruction: Notes on the diachrony of the Xinguan Arawak languages. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 11(1), 277–294. <https://doi.org/10.1590/1981.81222016000100014>
- Coelho de Souza, M. S. (1992). *Faces da afinidade: Um estudo do parentesco na etnologia xinguan* [Dissertação de Mestrado em Antropologia Social]. Museu Nacional – UFRJ, Rio de Janeiro. <https://acervo.socioambiental.org/acervo/tesesdissertacoes/faces-da-afinidade-um-estudo-do-parentesco-na-etnografia-xinguan>
- Fausto, C., Franchetto, B., & Heckenberger, M. (2008). Language, ritual and historical reconstruction Towards a linguistic, ethnographical and archaeological account of Upper Xingu Society. Em K. D. Harrison, D. S. Rood, & A. M. Dwyer (Orgs.), *Lessons from documented endangered languages* (pp. 129–158). John Benjamins. <https://doi.org/10.1075/tsl.78.06fau>
- França, J. M. (2000). Yawalapíti (Aruak): Uma língua ameaçada de extinção. *XXI Jornada de Iniciação Científica/UFRJ*. Rio de Janeiro, Brasil.
- Franchetto, B. (1997). Reflexões em torno de uma experiência “politicamente correta”. *XXI Encontro Anual da ANPOCS*.
- Franchetto, B. (2007). A comunidade indígena como agente de documentação linguística. *Revista de Estudos e Pesquisas – CGDTI FUNAI*, 4(1), 11–32. https://www.mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/direitos-humanos/populacao-indigena/artigos-teses-dissertacoes/01-bruna_franchetto-a_comunidade_indigena_como_agente_da_documentacao_linguistica.pdf
- Galvão, E. (1953). Cultura e sistema de parentesco das tribos do Alto Rio Xingu. *Boletim do Museu Nacional*, 14, 1–64. https://etnolingustica.wdfiles.com/local-files/biblio%3Agalvao-1953-cultura/Galvao_1953_Cultura_e_sistema_de_parentesco_alto_Xingu.pdf
- Galvão, E., & Simões, M. (1966). Mudança e sobrevivência no alto Xingu, Brasil Central. *Revista de Antropologia*, 14, 37–52. <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.1966.110757>
- Godoy, M. G. G. (1980). *Algumas considerações sobre as etnias e o problema de identidade indígena no Alto-Xingu: A aldeia Yawalapíti* [Dissertação de Mestrado em Antropologia Social]. Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Guerreiro, A. (2023). Repensando o parentesco xinguno: Elementos para a análise computacional de uma rede multiétnica. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 18(3), 1–28. <https://doi.org/10.1590/2178-2547-bgoeldi-2022-0083>
- Heckenberger, M. (2005). *The ecology of power: Culture, place, and personhood in the southern Amazon, A.D. 1000-2000*. Routledge.
- Limachi Pérez, V. (2019). Resistencias de la lengua quechua en ciberterritorios. Em M. Arratia J. & V. Limachi Pérez (Orgs.), *Construyendo una sociolingüística del sur: Reflexiones sobre las culturas y lenguas indígenas de América Latina en los nuevos escenarios* (pp. 285–300). PROEIB Andes.
- Medeiros, M. do C. I. de. (1993). Uma abordagem preliminar da etnografia da comunicação na aldeia mehinaku—Alto Xingu. Em L. Seki (Org) *Linguística indígena e educação na América Latina* (pp. 377–386). Editora UNICAMP.
- Mehinaku, M. (2010). *Tetsualü: Pluralismo de línguas e pessoas no Alto Xingu* [Dissertação de Mestrado em Antropologia Social] Museu Nacional - UFRJ. <http://objdig.ufrj.br/72/teses/753891.pdf>
- Menezes Bastos, R. J. (1989). Exegeses yawalapíti e kamayurá da criação do Parque Indígena do Xingu e a invenção das saga dos irmãos Villas Bôas. *Revista de Antropologia*, 32, 391–426. https://etnolingustica.wdfiles.com/local-files/biblio%3Abastos-1992-exegeses/Bastos_1992_ExegesesYawalapitiKamayuraPIXinguVBoas.pdf

- Menezes Bastos, R. J. (2013). *A festa da jaguatirica: Uma partitura crítico-interpretativa*. Editora UFSC.
- Menget, P. (2001). *Em nome dos outros: Classificação das relações sociais entre os Txicão do Alto Xingu*. Museu Nacional de Etnologia : Assírio et Alvim.
- Michael, L., De Carvalho, F., Chacon, T., Rybka, K., Sabogal, A., Chousou-Polydouri, N., & Kaiping, G. (2023). Deriving calibrations for Arawakan using archaeological evidence. *Interface Focus*, 13(1), 1–18. <https://doi.org/10.1098/rsfs.2022.0049>
- Mujica, M. I. O. (1992). *Aspectos fonológicos e gramaticais da língua Yawalapiti (Aruak)*. [Dissertação de Mestrado em Linguística]. UNICAMP, Campinas, Brasil.
- Oberg, K. (1955). Types of Social Structure among the Lowland Tribes of South and Central America. *American Anthropologist*, 57(3), 472–487. <https://doi.org/10.1525/aa.1955.57.3.02a00060>
- Pakendorf, B., Dobrushina, N., & Khanina, O. (2021). A typology of small-scale multilingualism. *International Journal of Bilingualism*, 25(4), 835–859. <https://doi.org/10.1177/13670069211023137>
- Payne, D. L. (1986). A Classification of Maipuran (Arawakan) Languages Based on Shared Lexical Retentions. Em G. K. Pullum & D. C. Derbyshire (Orgs.), *Handbook of Amazonian languages* (vol. 3, pp. 355–499). Mouton de Gruyter.
- Petrullo, V. M. (1932). Primitive peoples of Matto Grosso Brazil. *The Museum Journal*, xxiii (2), 84–186.
- Rehbein, J., Ten Thije, J. D., & Verschik, A. (2012). Lingua receptiva (LaRa) – remarks on the quintessence of receptive multilingualism. *International Journal of Bilingualism*, 16(3), 248–264. <https://doi.org/10.1177/1367006911426466>
- Rodrigues, A. D., & Cabral, A. S. A. C. (2002). Revendo a classificação interna da família Tupi-Guaraní. Em A. S. A. C. Cabral & A. D. Rodrigues (Orgs.), *Línguas indígenas brasileiras: Fonologia, gramática e história: Atas do I Encontro Internacional Do Grupo De Trabalho De Línguas Indígenas Da ANPOLL* (p. 327–337). EDUFPA.
- Rodrigues, A. D., & Cabral, A. S. A. C. (2012). Tupían. Em L. Campbell & V. Grondona (Orgs.), *The Indigenous Languages of South America: A Comprehensive Guide* (p. 495–574). De Gruyter. <https://doi.org/10.1515/9783110258035.495>
- Santos-Granero, F. (2002). The Arawakan matrix: Ethos, language, and history in native South America. Em J. D. Hill & F. Santos-Granero (Orgs.), *Comparative Arawakan Histories: Rethinking Language Family and Culture Area in Amazonia* (pp. 25–50). University of Illinois Press.
- Seki, L. (1999). The Upper Xingu as an incipient linguistic area. Em R. M. W. Dixon & A. I. Aikhenval'd (Orgs.), *The Amazonian languages* (pp. 417–430). Cambridge University Press.
- Secretaria Especial de Saúde Indígena — SESAI —. (2011). *Censo das aldeias do Alto Xingu*. SESAI.
- Secretaria Especial de Saúde Indígena — SESAI —. (2017). *Censo das aldeias do Alto Xingu*. SESAI.
- Silverstein, M. (1979). Language structure and linguistic ideology. Em P. Clyne, W. Hanks & C. Hofbauer (Orgs.), *The elements: a parasection on linguistic units and beliefs* (p. 193–247). Chicago Linguistic Society.
- Simões, M. (1967). Considerações preliminares sobre a Arqueologia do Alto Xingu (Mato Grosso). *Publicações Avulsas do Museu Paraense Emilio Goeldi*, 6, 129–144.
- Simões, M. (1972). Índice das fases arqueológicas brasileiras 1950–1971. *Publicações Avulsas do Museu Paraense Emilio Goeldi*, 18, 3–75.
- Steinen, K. V. den. (1940). *Entre os aborígenes do Brasil Central*. Departamento de Cultura.
- Stenzel, K. (2005). Multilingualism in the Northwest Amazon, revisited. *Memorias del Congreso de Idiomas Indígenas de Latinoamérica-II*, 1–28.
- Viveiros de Castro, E. (1977). *Indivíduo e sociedade no Alto Xingu: Os Yawalapíti* [Dissertação de Mestrado em Antropologia]. Museu Nacional - UFRJ.
- Viveiros de Castro, E. (1979). A fabricação do corpo na sociedade xingüana. *Boletim do Museu Nacional*, 32, 40–49.
- Yawalapiti, T. (2010). *História Yawalapíti. Trabalho final do Curso Hayó*. [Trabalho de conclusão de curso do magistério indígena.]. UNEMAT.
- Yawalapiti, T. (2018). *Documentação, análise e descrição da língua Yawalapíti (Aruak)*. Projeto de Mestrado em Linguística - PPGL/UNB.
- Yawalapiti, T. (2021). *Documentação e descrição da língua yawalapíti (aruak): Uma língua que não deve morrer* [Dissertação de Mestrado em Linguística, Universidade de Brasília]. <https://repositorio.unb.br/handle/10482/43273>

Como citar este artigo: Almeida, J. (2025). Yawalapíti (Aruak) do Alto Xingu: história e situação sociolinguística. *Íkala. Revista de Lenguaje y Cultura*. 30(3), e360066. <https://doi.org/10.17533/udea.ikala.360066>